



## ESTRATÉGIAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA INCENTIVAR A LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Sandra Lopes da Costa <sup>1</sup>

### RESUMO

Este estudo aborda as estratégias de contação de histórias como recurso essencial para incentivar a leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A leitura, fundamental para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, enfrenta desafios como o desinteresse e as dificuldades de muitos alunos, prejudicando sua formação integral. Nesse cenário, a contação de histórias desponta como prática pedagógica eficaz para despertar o prazer pela leitura. A pesquisa tem como objetivo investigar como essa estratégia pode ser aplicada em sala de aula. Para isso, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre leitura, literatura infantil e práticas de contação de histórias, destacando a narrativa oral como ferramenta para transmitir conhecimentos e criar conexões emocionais com os alunos. A literatura revisada aponta que técnicas como dramatização, uso de fantoches e participação ativa dos alunos aumentam o interesse e a interação nas atividades de leitura, promovendo habilidades linguísticas, como vocabulário, compreensão e expressão oral. Os resultados revelam que a contação de histórias enriquece a experiência de leitura, fortalece vínculos entre alunos e professores e estimula reflexões sobre experiências e emoções, formando leitores críticos e autônomos. Contudo, desafios como falta de formação docente e recursos didáticos foram identificados. Assim, a pesquisa sugere formações continuadas e a ampliação de acervos escolares. Em síntese, a contação de histórias deve ser priorizada nas escolas para cultivar o hábito da leitura e enriquecer a aprendizagem desde os primeiros anos.

**Palavras-Chave:** Anos Iniciais. Leitura. Estratégias. Contação de histórias. Práticas pedagógicas.

### RESUMEN

Este estudio aborda las estrategias de narración como recurso esencial para fomentar la lectura en los primeros años de Educación Primaria. La lectura, fundamental para el desarrollo cognitivo, emocional y social de los niños, enfrenta desafíos como el desinterés y las dificultades de muchos estudiantes, dificultando su formación integral. En este escenario, el storytelling emerge como una práctica pedagógica eficaz para despertar el placer de la lectura. La investigación tiene como objetivo investigar cómo se puede aplicar esta estrategia en el aula. Para ello, se realizó una revisión bibliográfica sobre lectura, literatura infantil y prácticas de narración, resaltando la narrativa oral como herramienta para transmitir conocimientos y crear conexiones emocionales con los estudiantes. La literatura revisada señala que técnicas como la dramatización, el uso de títeres y la participación activa de los estudiantes aumentan

el interés y la interacción en las actividades lectoras, promoviendo habilidades del lenguaje como el vocabulario, la comprensión y la expresión oral. Los resultados revelan que contar historias enriquece la experiencia lectora, fortalece los vínculos entre estudiantes y profesores y fomenta la reflexión sobre experiencias y emociones, formando lectores críticos y autónomos. Sin embargo, se identificaron desafíos como la falta de capacitación docente y de recursos didácticos. Así, la investigación sugiere la formación continua y la ampliación de las colecciones escolares. En definitiva, se debe priorizar la narración de cuentos en los centros educativos para cultivar el hábito de la lectura y enriquecer el aprendizaje desde edades tempranas.

**Palabras clave:** Primeros años. Lectura. Estrategias. Narración de historias. Prácticas pedagógicas.

---

<sup>1</sup> *Graduação em Pedagogia e Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Pós-graduação em Educação Infantil pela Fundação Universidade Estadual Vale do Acaraú, Ceará, Brasil.*

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura é uma habilidade fundamental que desempenha um papel crucial no desenvolvimento integral das crianças, influenciando seu aprendizado acadêmico, social e emocional. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o cultivo do hábito da leitura é especialmente importante, pois é nesse período que os alunos começam a desenvolver as competências necessárias para se tornarem leitores proficientes e críticos. No entanto, muitos estudantes enfrentam desafios significativos em sua jornada literária, resultando em desinteresse e dificuldades na prática da leitura. Este cenário alarmante demanda a exploração de abordagens pedagógicas inovadoras e eficazes que possam incentivar o envolvimento das crianças com os livros.

Entre as diversas estratégias disponíveis, a contação de histórias se destaca como uma prática que pode transformar a experiência de leitura em um momento lúdico e prazeroso. Ao utilizar narrativas orais, os educadores têm a oportunidade de despertar a curiosidade e a imaginação dos alunos, criando um ambiente que valoriza a interação e a participação ativa. A contação de histórias não apenas capta a atenção das crianças, mas também proporciona um espaço seguro para a expressão de emoções e a construção de conexões significativas com os personagens e enredos.

A relevância desta pesquisa se destaca não apenas na busca por métodos que incentivem a leitura, mas também na formação de educadores mais capacitados para atuar nesse contexto. Ao compreender como a contação de histórias pode ser uma ferramenta valiosa no processo de ensino-aprendizagem, espera-se contribuir para a melhoria das práticas pedagógicas e, conseqüentemente, para a formação de leitores críticos e autônomos, fundamentais para a construção de uma sociedade mais consciente e participativa.

Nesta pesquisa sobre estratégias de contação de histórias para incentivar a leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental, serão utilizados diversos parceiros teóricos que fundamentam a análise e discussão dos temas abordados. Vygotsky é um dos principais teóricos que será referência, com suas ideias sobre a importância da interação social e da mediação no processo de aprendizagem, que são essenciais para compreender como a contação de histórias pode enriquecer a experiência de leitura das crianças (Vygotsky, 2002). Bruner (1996), defensor da narrativa como uma

forma de compreensão e aprendizagem, também será citado, uma vez que suas reflexões ressaltam como as histórias ajudam as crianças a organizar o conhecimento e a entender o mundo ao seu redor.

A obra de Louise Rosenblatt, que aborda a leitura como um processo ativo entre o leitor e o texto, será fundamental para discutir o engajamento promovido pela contação de histórias. Teresa Colomer, pesquisadora na área de literatura infantil, oferece uma perspectiva importante ao destacar a eficácia das práticas de contação de histórias no desenvolvimento literário das crianças, o que será relevante para fundamentar a análise das estratégias utilizadas em sala de aula (Rosenblatt, 1995).

Antônio Cândido, um dos mais influentes estudiosos da literatura brasileira, traz reflexões sobre a função social da literatura e o papel do leitor, o que ajudará a compreender o impacto das histórias na formação do sujeito. Paulo Freire, com seu enfoque na educação como prática de liberdade e conscientização, será mencionado para discutir como a contação de histórias pode promover um ensino crítico e reflexivo (Cândido, 1993).

Adicionalmente, Carol C. Kuhlthau, conhecida por suas pesquisas sobre o processo de busca da informação, proporcionará uma perspectiva sobre como a contação de histórias pode facilitar a compreensão e interpretação dos textos. Claude Lévi-Strauss, embora seja um antropólogo, oferece análises sobre mitos e narrativas que enriqueceram a discussão sobre a importância das histórias na formação cultural e cognitiva das crianças. Por fim, Maria Helena Oliveira, com suas contribuições sobre literatura infantil e juvenil, trará insights valiosos para entender as particularidades da contação de histórias na educação (Lévi-Strauss, 2002; Kuhlthau, 2004; Oliveira, 2005).

Esses teóricos, entre outros, servirão como base sólida para fundamentar as argumentações e análises ao longo da dissertação, contribuindo para uma compreensão mais ampla das práticas de contação de histórias na promoção da leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dessa forma, esse trabalho objetiva investigar como as estratégias de contação de histórias podem ser aplicadas como recurso pedagógico nos anos iniciais do Ensino Fundamental, visando incentivar o prazer pela leitura, promover o desenvolvimento de habilidades linguísticas e fortalecer os vínculos emocionais entre alunos e professores, contribuindo para a formação de leitores críticos e autônomos.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A leitura de histórias proporciona às crianças uma oportunidade única de explorar e compreender a diversidade cultural, revelando modos de viver, pensar e agir que pertencem a realidades diferentes da sua. Nesse processo, elas são apresentadas a um vasto universo de valores, costumes e comportamentos que caracterizam outras sociedades, situadas em tempos e lugares distintos.

A intenção de fazer com que as crianças valorizem o momento de se sentar para ouvir histórias exige uma abordagem cuidadosa. O professor, ao ler com interesse e entusiasmo, mobiliza a expectativa dos alunos, permitindo que eles se conectem com o texto e as ilustrações durante a leitura. Essa interação ativa é fundamental, pois promove uma experiência enriquecedora que estimula a curiosidade e o prazer pela narrativa, conforme destaca Trescastro (2012). Assim, a contação de histórias se torna uma prática não apenas educativa, mas também

emocionalmente significativa, contribuindo para a formação de leitores críticos e sensíveis ao mundo ao seu redor.

Neste estudo, a leitura é compreendida como qualquer manifestação linguística que permite a uma pessoa recuperar um pensamento expresso por outra por meio da escrita. Essa definição amplia a compreensão do ato de ler, que pode se dar de diversas maneiras: pode ser ouvida, vista ou falada. Um texto escrito é acessível a quem decifra e decodifica suas palavras, traduzindo-as em uma forma verbal.

Entretanto, é importante distinguir entre ouvir uma fala e ouvir uma leitura. A fala espontânea é produzida sem um texto prévio, enquanto a leitura se baseia em um texto escrito, que possui características específicas da língua escrita. Essa diferença é fundamental, pois a leitura traz consigo a estrutura e a gramática que podem ser distintas da fala cotidiana, conforme destaca Marcuschi (2008). Assim, a leitura não se limita ao ato individual de decifrar palavras, mas se estende a um processo de interpretação e compartilhamento que enriquece a experiência literária, especialmente nas primeiras interações das crianças com a literatura.

Ler vai além da simples decodificação de palavras; trata-se de um processo que envolve uma compreensão mais abrangente do mundo e do lugar que ocupamos nele. Essa visão é bem expressa na reflexão de Freire (1989), que defende que a leitura não apenas permite, mas também expande nossa visão de mundo. Para Freire, a "leitura do mundo" precede a "leitura da palavra", o que significa que a interpretação do contexto social e cultural deve ocorrer antes da análise do texto escrito. Essa interdependência entre linguagem e realidade é dinâmica e essencial para a formação de um leitor crítico.

Freire (1989) afirma que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele." Essa afirmação ressalta que, para que se compreenda um texto de forma crítica, é necessário perceber as relações entre o conteúdo escrito e o contexto no qual ele se insere. Em outras palavras, a leitura é um ato de interpretação que exige uma conexão entre o texto e as realidades sociais, históricas e culturais que o cercam.

Para Freire (1989), a leitura é um instrumento essencial para que o indivíduo construa seu conhecimento e exerça sua cidadania de maneira plena. Ele argumenta que a leitura não apenas amplia o entendimento do mundo que cada leitor está desenvolvendo, mas também oferece acesso ao conhecimento de forma autônoma. Essa autonomia é fundamental, pois permite que os leitores realizem reflexões críticas, participem de debates e promovam trocas de ideias de maneira contextualizada e significativa.

Portanto, o ato de ler se transforma em uma ferramenta essencial para o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo, atuando em um nível dialógico que enriquece os processos de interação verbal. A leitura, assim, não é apenas uma atividade isolada, mas um meio de engajamento e transformação que contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes de suas realidades e ativos na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Essa visão de leitura como prática social ressalta a importância de promover experiências de leitura desde a infância, estimulando o desenvolvimento de habilidades que vão além do domínio da escrita, abrangendo a formação de uma cidadania ativa e comprometida.

## 2.1 A leitura nos anos iniciais

Para Bamberger (2000), o desenvolvimento do interesse pela leitura depende de um "alimento" constante, e essa nutrição é proporcionada pela motivação e pelo hábito de ler. O autor destaca que, entre os principais fatores que favorecem essa motivação, está a prática da leitura oral, que deve ser realizada de forma contínua, sem interrupções ou correções durante a sua execução. Essa abordagem permite que o aluno se concentre no que está lendo, mantenha o ritmo do texto e, conseqüentemente, aprenda o significado do que está sendo lido.

Ademais, Bamberger (2000) salienta a importância de diversificar a oferta de livros e textos. A proposta de leitura de diferentes gêneros e estilos é um elemento motivador que pode despertar a curiosidade dos alunos, fazendo com que se sintam mais inclinados a se engajar com a leitura. Ao apresentar uma variedade de obras, desde contos clássicos até histórias contemporâneas, a escola amplia as possibilidades de conexão e identificação dos alunos com os textos, tornando a prática da leitura mais atraente e relevante em suas vidas.

De acordo com Bamberger (2000, p. 92), "o desenvolvimento de interesses e hábitos permanentes de leitura é um processo constante, que começa no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua vida afora." Essa afirmação destaca a leitura como um hábito que deve ser cultivado desde a primeira infância, idealmente no ambiente familiar, antes mesmo da inserção da criança na escola.

Ainda segundo Bamberger (2000), o desenvolvimento da formação leitora, assim como o gosto e o interesse pela leitura, está intimamente ligado ao ambiente que cerca o aluno leitor. Isso significa que o meio onde o aluno está inserido desempenha um papel crucial na promoção de estímulos para a leitura. Quando as crianças recebem apoio e incentivos de suas famílias, professores e colegas, elas estão mais propensas a desenvolver o hábito de ler.

Para formar leitores bem-sucedidos, é essencial propor leituras que sejam apropriadas ao nível de compreensão e aos interesses dos alunos. A seleção cuidadosa de materiais literários pode fazer toda a diferença; ao se depararem com textos que falam diretamente às suas experiências e curiosidades, os leitores não apenas absorvem o conteúdo, mas também se conectam emocionalmente com o que estão lendo. Essa conexão é fundamental, pois transforma a leitura em uma atividade prazerosa e significativa. Silva (1987) compartilha suas vivências ao trabalhar com professores brasileiros, especialmente no contexto do Ensino Fundamental. A partir dessas experiências, o autor notou que existiam diversas formas de compreender e orientar o ato de ler, variando entre os educadores das mais diferentes séries. Essa diversidade de concepções é fundamental, pois reflete as particularidades e contextos de cada docente, influenciando diretamente a maneira como a leitura é abordada nas salas de aula.

Diante dessa percepção, Silva (1987) passou a questionar os professores sobre o que entendiam por leitura. Esse questionamento revelou um conjunto de concepções que serviam como base para orientar as atividades de leitura nas escolas. As respostas obtidas demonstraram que, para os educadores, a leitura podia ser vista não apenas como uma habilidade técnica de decodificação de palavras, mas também como um processo de interpretação e compreensão de significados. Essas diferentes visões sobre a leitura impactam não apenas a prática pedagógica, mas também a formação dos alunos como leitores.

Assim, o trabalho de Silva (1987) destaca a importância da formação continuada dos professores e a necessidade de um diálogo constante sobre as

práticas de leitura, permitindo que as concepções dos educadores evoluam e se ajustem às demandas de um mundo em constante transformação. A compreensão de que a leitura é um ato complexo, que envolve tanto habilidades técnicas quanto reflexões críticas, é um passo fundamental para a promoção de uma educação de qualidade que prepare os alunos para serem leitores autônomos e críticos.

Em suas indagações aos professores, Silva (1987) constatou que a maioria deles concebia o conceito de leitura de forma simplista, desconsiderando os elementos fundamentais que compõem esse ato. Essa visão limitada se reflete no uso de materiais inadequados ou empobrecidos — como livros e textos de qualidade inferior, além de ambientes pouco estimulantes — para a prática de leitura. Essa abordagem não só compromete a qualidade do ensino, mas também reduz as oportunidades de os alunos desenvolverem um pensamento crítico e abrangente.

Assim, é essencial que os educadores reflitam sobre suas concepções de leitura e busque se atualizar em relação às práticas pedagógicas que valorizem a diversidade de textos e contextos. Essa reflexão pode levar à adoção de métodos mais eficazes e criativos, que não apenas aprimorem a prática da leitura, mas também enriqueçam a formação dos alunos como leitores autônomos e críticos. Portanto, o trabalho de Silva (1987) sublinha a necessidade de um investimento na formação contínua dos professores e na melhoria dos recursos utilizados na prática da leitura, a fim de criar um ambiente educativo que estimule o pensamento crítico e a apreciação da literatura em suas múltiplas formas.

## 2.2 A relação entre a leitura e a contação de histórias

Nesta seção, buscamos discutir de que forma a contação de histórias pode incentivar a leitura entre as crianças, explorando não apenas que tipo de leitura elas realizam, mas também que tipos de leitura podem ser desenvolvidos a partir dessa prática. Para orientar essa discussão, consideramos as contribuições de autores renomados na área da literatura infantil e da educação. Nelly Novaes Coelho, por exemplo, destaca a importância da interação entre o leitor e o texto, enfatizando que a leitura é um ato de criação e construção de significados. Sua perspectiva é fundamental para entendermos como a contação de histórias pode estimular a imaginação das crianças e incentivá-las a se tornarem leitoras ativas (Coelho, 2020).

Lajolo e Zilberman também contribuiu significativamente para essa discussão, abordando a relação entre a literatura e a formação do sujeito leitor. Ela enfatiza que a leitura deve ser uma prática prazerosa e que as histórias contadas têm o poder de encantar e envolver as crianças, criando um ambiente propício para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Essa abordagem é essencial para compreender o impacto da contação de histórias na formação de hábitos de leitura saudáveis (Lajolo; Zilberman, 2002).

Lajolo, por sua vez, explora a dinâmica da leitura e a importância de reconhecer a subjetividade do leitor. Ela argumenta que a contação de histórias permite que as crianças se conectem emocionalmente com os textos, o que, por sua vez, influencia a maneira como elas percebem e interpretam as histórias. Essa conexão emocional é um fator crucial para que as crianças desenvolvam um interesse genuíno pela leitura e se tornem leitoras autônomas (Lajolo; Zilberman, 2002).

Com base nas contribuições de Lajolo e Zilberman (2002), discutem como a contação de histórias não apenas incentiva a leitura, mas também possibilita que as crianças explorem diferentes tipos de leitura, como a leitura literária, a leitura crítica e

a leitura de gêneros diversos. Essa variedade é essencial para que as crianças desenvolvam habilidades que transcendem a mera decodificação de palavras, levando-as a uma compreensão mais profunda e rica dos textos.

Portanto, ao investigar a relação entre a contação de histórias e a leitura infantil, esta seção busca evidenciar a importância dessa prática como um meio eficaz para fomentar o gosto pela leitura e contribuir para a formação de leitores críticos e reflexivos, capazes de interagir com a literatura de maneira enriquecedora.

Partindo do princípio de que a contação de histórias é um recurso lúdico, recorremos a Santos e Jesus (2016) para afirmar que Froebel, um dos educadores pioneiros na pedagogia infantil, criou brinquedos educativos com o objetivo de “desenvolver na criança os seus próprios dons, inteligência e sua essência humana.” Essa abordagem lúdica reflete a crença de Froebel de que a brincadeira é fundamental para o desenvolvimento integral da criança.

Os jogos com regras, segundo Froebel, são uma excelente estratégia mediadora no processo de apreensão do mundo pela criança. Por meio da brincadeira, a criança não apenas explora e interage com seu ambiente, mas também passa por um processo de interiorização, onde as experiências vividas são refletidas e assimiladas. Isso contribui para a construção de sua identidade e compreensão do mundo ao seu redor. Além disso, esse processo lúdico também possibilita o autoconhecimento, permitindo que a criança se conheça melhor por meio da exteriorização de seus sentimentos, pensamentos e habilidades (Santos; Jesus, 2016).

Assim, ao utilizar a contação de histórias como um recurso pedagógico, os educadores podem criar um ambiente de aprendizagem que valoriza a ludicidade e promove o desenvolvimento integral dos alunos. Essa prática não apenas estimula o gosto pela leitura, mas também apoia o processo de construção da identidade e do autoconhecimento das crianças, alinhando-se aos princípios defendidos por Froebel sobre a importância da educação lúdica no desenvolvimento humano. Portanto, a contação de histórias se revela uma ferramenta poderosa para a formação de leitores críticos e autônomos, capazes de interagir de forma significativa com o mundo ao seu redor (Santos; Jesus, 2016).

É importante destacar que tanto os jogos quanto as brincadeiras devem ser monitorados pelo professor, com o objetivo de manter as crianças próximas a si e aos seus pares. Essa mediação é crucial, pois o educador pode observar as dinâmicas de interação entre os alunos, promovendo um ambiente seguro e acolhedor que estimula a colaboração e a troca de experiências. Froebel valorizava jogos e brincadeiras organizados em forma de círculo, incorporando elementos como dança, música e movimento. Esse formato não apenas favorece a participação ativa das crianças, mas também fortalece os laços sociais entre elas, criando um espaço de aprendizado mais inclusivo e dinâmico (Santos; Jesus, 2016).

Diante dessa diversidade de métodos e técnicas, podemos inferir que a contação de histórias se encaixa perfeitamente em todas essas práticas, dependendo da atividade e dos objetivos pretendidos pelo professor. A contação de histórias pode ser integrada a essas experiências lúdicas, enriquecendo as atividades e estimulando a imaginação das crianças. Assim, a contação de histórias não é apenas uma técnica pedagógica isolada, mas sim uma estratégia versátil que se alinha com os métodos froebelianos, contribuindo para a formação integral da criança e enriquecendo o ambiente de aprendizado. Por meio da integração da contação de histórias com outras

atividades lúdicas, o professor pode criar uma abordagem holística que favorece o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos.

### 2.3 As diretrizes da bncc acerca da leitura na escola

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), delineada pelo Ministério da Educação (MEC) em 2019, reconhece a urgência de promover um ensino que se expanda além dos muros da sala de aula, integrando e valorizando as experiências de aprendizagem que os alunos já possuem antes de ingressar no Ensino Fundamental. Esse reconhecimento abrange as aprendizagens que ocorrem tanto no contexto educacional formal quanto nas interações familiares e sociais, ressaltando a necessidade de um currículo que respeite e construa sobre o que cada estudante já traz consigo.

Para isso, a BNCC estabelece a leitura e a escrita como pilares fundamentais do processo educativo. A leitura, em particular, é abordada de forma ampliada, transcende a mera decodificação de palavras e a compreensão de textos escritos. De acordo com a BNCC (Brasil, 2019), a leitura é uma prática que envolve uma gama diversificada de expressões e formas de comunicação. Isso inclui a interpretação de imagens estáticas, como fotografias, ilustrações, esquemas e gráficos, que desempenham um papel crucial na construção do conhecimento. Essas representações visuais ajudam os alunos a compreender e articular informações de maneira mais eficaz, desenvolvendo habilidades analíticas que são essenciais em um mundo cada vez mais visual.

A necessidade de formação docente especializada na área de leitura é fundamental para garantir que os educadores possam implementar práticas pedagógicas que promovam a literacia desde os anos iniciais. Entretanto, para que essa formação docente ocorra de maneira eficaz, é necessário que haja um suporte teórico-prático robusto que aborde a leitura nos anos iniciais. Isso envolve a criação de materiais e recursos que não apenas introduzem conceitos teóricos, mas também ofereçam orientações práticas para sua aplicação em sala de aula. O desenvolvimento de currículos que integrem a teoria da leitura com práticas pedagógicas concretas é crucial para capacitar os docentes a enfrentar os desafios da educação contemporânea.

Portanto, é urgente que se promovam mais estudos e investigações que explorem a conexão entre contação de histórias e formação leitora. Incentivar a produção acadêmica nessa área pode resultar em novas abordagens e metodologias que enriqueçam a formação docente e, conseqüentemente, a experiência de aprendizagem dos alunos. A BNCC estabelece um horizonte desafiador, mas necessário, e é por meio de um investimento consistente na formação de professores e no aprofundamento teórico-prático sobre leitura que se poderá construir uma educação que realmente atenda às necessidades e potencialidades dos estudantes (Brasil, 2019).

A contação de histórias é uma prática que ganha destaque na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como parte essencial da Prática da Linguagem. Dentro desse contexto, a BNCC (Brasil, 2019) enfatiza a importância de envolver os alunos em diversas situações de leitura, proporcionando experiências que ocorrem em diferentes espaços, como o ambiente doméstico e familiar, a escola, além de contextos culturais e profissionais. Essa abordagem ampla visa não apenas o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, mas também a formação de um



leitor crítico e reflexivo, capaz de se relacionar com diferentes gêneros textuais presentes em sua vida cotidiana.

Dentro desse campo, a BNCC menciona uma variedade de gêneros textuais que são fundamentais para o cotidiano dos alunos, como agendas, listas, bilhetes, recados, avisos, convites, cartas, cardápios, diários, receitas e regras de jogos e brincadeiras (Brasil, 2019). Esses gêneros não apenas são relevantes para a comunicação diária, mas também oferecem oportunidades ricas para a contação de histórias, que pode ser utilizada como uma estratégia pedagógica para engajar os alunos de maneira lúdica e criativa.

Portanto, a contação de histórias não deve ser vista apenas como uma atividade lúdica, mas como uma prática pedagógica fundamental que permeia o currículo, promovendo a formação integral dos alunos. Ao integrar essa prática com os gêneros textuais da vida cotidiana, a BNCC nos convida a repensar as metodologias de ensino, ressaltando a importância de um ensino que valorize a literatura e a linguagem como ferramentas de desenvolvimento pessoal e social. Essa abordagem não apenas contribui para o letramento, mas também para a formação de indivíduos críticos, criativos e sensíveis às diversas narrativas que compõem a sociedade (Brasil, 2019).

#### 2.4 A contação de histórias como ferramenta de desenvolvimento do aluno

Contar histórias no Ensino Fundamental é uma maneira poderosa de introduzir os alunos no universo da literatura, despertando seu interesse pela leitura e demonstrando que ler vai muito além de simplesmente decodificar palavras. Essa prática oferece uma abordagem envolvente e significativa que pode transformar a percepção das crianças em relação à leitura.

A importância das histórias no cotidiano escolar é enfatizada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), que estabelecem que a contação de histórias deve "ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada" (Brasil, 2000). Essa inserção não apenas estimula o desejo de explorar outras leituras, mas também possibilita a vivência de emoções e o exercício da fantasia e da imaginação. Ao interagir com diferentes narrativas, os alunos expandem seu conhecimento sobre o processo de leitura, desenvolvendo um vínculo mais próximo com os textos e tornando-os familiares — uma condição essencial para alcançar a fluência na leitura e a produção textual eficaz.

Além disso, a contação de histórias favorece a produção de expressões orais, escritas e de outras linguagens. Por meio dessa prática, os alunos são informados sobre como escrever e recebem sugestões sobre o que escrever, o que lhes permite explorar a relação intrínseca entre a fala e a escrita. Esse contato direto com as narrativas também favorece a aquisição de velocidade na leitura e a estabilização de formas ortográficas, habilidades que são fundamentais para o desenvolvimento da escrita.

Nesse sentido, as histórias emergem como um recurso pedagógico valioso, contribuindo significativamente para o desenvolvimento integral do educando. Ao contar histórias, os educadores criam um ambiente onde os alunos têm a oportunidade de interpretar, (re)criar, questionar e debater, estabelecendo conexões com o mundo real. Essa interação não apenas enriquece o aprendizado, mas também fortalece o processo de alfabetização, uma vez que permite que as crianças pratiquem e desenvolvam suas habilidades de linguagem em um contexto significativo.

Existem múltiplos métodos de contar histórias que devem ser explorados, cada um trazendo sua própria dinâmica e contribuição ao ambiente escolar. O uso de fantoches, dramatizações, ilustrações e recursos audiovisuais pode tornar a experiência ainda mais envolvente, capturando a atenção dos alunos e estimulando sua imaginação. A diversidade nas abordagens de contação de histórias é fundamental para atender às diferentes necessidades e interesses dos alunos, promovendo um aprendizado mais eficaz e prazeroso.

Assim, a prática da contação de histórias no Ensino Fundamental não apenas enriquece o repertório literário dos alunos, mas também desempenha um papel crucial na formação de leitores críticos e criativos, preparados para explorar e interpretar o mundo ao seu redor de maneira mais consciente e reflexiva. A contação de histórias deve ser um recurso pedagógico que convida os alunos ao mundo da imaginação, promovendo um aprendizado significativo que os envolve ativamente no processo de alfabetização. Essa prática não apenas desperta o gosto pela leitura, mas também permite que as crianças, mesmo aquelas que ainda não dominam a leitura convencional, tenham acesso ao universo literário. Como afirmam Fonseca e Vanalli (2012), a criança que ainda não sabe ler pode experimentar a leitura através da escuta atenta da narrativa contada pelo professor, reconhecendo que ouvir um texto já constitui uma forma de leitura, mesmo que não consiga decifrar todas as palavras.

Nesse contexto, a contação de histórias deve oportunizar a ludicidade, ajudando a criança a se desenvolver em diversos aspectos. Isso inclui o aprimoramento da atenção, da criatividade, da socialização, da interpretação de imagens e textos, além da oralidade. A forma dinâmica e envolvente da contação de histórias tem o potencial de cativar os alunos, fazendo com que se divirtam enquanto aprendem. Para que essa prática seja efetiva, o educador precisa entender que contar histórias não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma estratégia pedagógica eficaz e prazerosa para formar novos leitores. A contação de histórias se revela como uma ferramenta importante no exercício da leitura e da escrita, oferecendo oportunidades para que os alunos se conectem com os textos de maneira mais profunda.

Como observa Carvalho (2004), "a professora que lê para a turma 'acorda' as histórias que dormem nos livros." Essa metáfora ilustra o poder transformador da contação de histórias, que traz à vida narrativas que, de outra forma, poderiam permanecer desconhecidas ou inexploradas. Quando os alunos recontam essas histórias, eles não apenas exercitam suas habilidades de oralidade, mas também aprendem a distinguir as diferenças entre a língua falada e a escrita. Esse processo é fundamental na formação do leitor, pois permite que os alunos compreendam a estrutura das narrativas e desenvolvam um senso crítico em relação aos textos.

Assim, a contação de histórias se configura como uma estratégia pedagógica rica e multifacetada que enriquece o aprendizado das crianças e as prepara para se tornarem leitores críticos e criativos. Ao integrar essa prática nas aulas, os educadores promovem um ambiente de aprendizado onde a literatura se torna uma ferramenta de exploração, auto descoberta e crescimento.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Entre as estratégias que podem ser eficazes na preparação para a contação de histórias, destaca-se a importância do estudo do texto. Ler e compreender profundamente a história permite ao contador identificar seus principais temas, personagens e mensagens, o que possibilita uma interpretação autêntica e

envolvente. Além disso, é fundamental planejar a apresentação de forma lógica e coesa, decidindo quais partes da história merecem ênfase e como utilizar recursos visuais ou sonoros para enriquecer a narrativa.

Segundo Abramovich (1997), “o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal, tudo pode nascer dum texto!” Essa citação reflete a multiplicidade de experiências e emoções que a contação de histórias pode despertar nas crianças. Ao ouvir histórias, as crianças não apenas absorvem o conteúdo narrativo, mas também se engajam em uma série de atividades criativas e reflexivas que enriquecem seu desenvolvimento integral.

Villardi (2005) discorre sobre a importância dos recursos materiais utilizados na contação de histórias, enfatizando que “a leitura é o meio mais importante para se chegar ao conhecimento. Não importa a quantidade que lemos; o que importa é com que profundidade chega-se a esse entendimento.” Essa afirmação ressalta que o foco deve estar na qualidade da leitura e na capacidade de compreensão que ela proporciona, e não apenas na quantidade de textos lidos.

Quadros e Rosa (2009) realizaram uma pré-seleção de temas que podem ser contados de acordo com a idade e a série das crianças, destacando quais são mais atrativos em cada fase do desenvolvimento. Para crianças de até três anos, os temas mais recomendados são histórias de bichos e contos rítmicos que sejam leves, lúdicos, bem-humorados e curtos. Essas narrativas simples e divertidas não apenas capturam a atenção dos pequenos, mas também incentivam o desenvolvimento da linguagem e a capacidade de atenção.

Dessa forma, a seleção de histórias apropriadas para cada fase do desenvolvimento infantil é crucial para cultivar o amor pela leitura e para formar leitores mais críticos e criativos. Os educadores e narradores têm um papel fundamental em orientar as escolhas literárias, garantindo que as histórias contadas estejam alinhadas com os interesses e as habilidades das crianças, contribuindo assim para sua formação integral.

Busatto (2003) destaca a importância de repetir a história para as crianças, especialmente para aquelas entre um e seis anos, que frequentemente solicitam o reconto da mesma narrativa várias vezes. Essa prática é benéfica porque, ao ouvir a história repetidamente, as crianças reforçam as imagens e as mensagens contidas na narrativa, criando uma segurança linguística que é fundamental para seu desenvolvimento.

Portanto, o ato de repetir histórias é uma estratégia poderosa na educação infantil, pois não apenas apoia o desenvolvimento linguístico, mas também nutre a imaginação e a capacidade crítica das crianças. Essa prática fomenta um amor duradouro pela leitura e pela narrativa, fundamentais para o crescimento e aprendizado contínuos dos pequenos.

A duração apropriada de cada história dependerá de diversos fatores, incluindo o número de ouvintes, a faixa etária das crianças e a técnica escolhida para a contação. Segundo Busatto (2003), é provável que as crianças mantenham um tempo de atenção e concentração semelhante ao que apresentam em outras atividades similares, como brincar com objetos, folhear revistas em quadrinhos ou jogar pega-pega.

Nessa perspectiva, Rodrigues (2005) reforça a importância de remodelar as histórias, adaptando-as à faixa etária das crianças. Isso é fundamental porque algumas narrativas podem não ser adequadas para os mais novos e, em vez de ensinar ou entreter, podem acabar traumatizando-os. Nessa fase de desenvolvimento, as crianças tendem a fazer muitos silogismos relacionados à vida real, o que significa que elas podem interpretar as histórias de forma literal e emocional, levando a reações intensas a situações que consideram ameaçadoras ou perturbadoras.

Ademais, Rodrigues (2005) também ressalta que a decisão de mostrar ou não as ilustrações de um livro durante a contação de histórias dependerá da proposta e dos objetivos do professor. Em muitas situações, é quase impossível não apresentar as ilustrações, uma vez que elas desempenham um papel fundamental no entendimento e na apreciação da narrativa. As imagens podem enriquecer a experiência, proporcionando contextos visuais que ajudam as crianças a se conectarem melhor com a história.

Quadros e Rosa (2009) e Sisto (2005) afirmam que histórias de medo contadas antes do processo de dormir podem atrapalhar o sono das crianças. Um exemplo disso pode ser observado em adultos e adolescentes que, ao assistirem a filmes ou a cenas mais intensas no final da noite, frequentemente acabam tendo pesadelos ou enfrentam dificuldades para pegar no sono. Essa relação entre o conteúdo das histórias e a qualidade do sono é particularmente importante quando se trata de crianças, que são mais suscetíveis a experiências emocionais e podem ter dificuldades em lidar com o medo.

Em resumo, a escolha das histórias contadas antes de dormir deve ser feita com cuidado, priorizando conteúdos que promovam tranquilidade e conforto, garantindo que as crianças tenham uma boa noite de sono, livre de pesadelos e preocupações.

Para Scholes e Kellogg (1977), as histórias desempenham um papel fundamental no comportamento das crianças, especialmente em suas fases iniciais de desenvolvimento, quando ainda têm menos experiências afetivas, sociais e conhecimentos acumulados. As narrativas oferecem um espaço rico para que as crianças explorem diferentes ações e atitudes, servindo como exemplos de consequências tanto positivas quanto negativas dos atos dos personagens.

Além disso, as narrativas têm o poder de fortalecer atributos positivos nas crianças, como determinação, compaixão e força de vontade. Ao verem personagens superando desafios, mostrando empatia ou lutando por um objetivo, as crianças são inspiradas a adotar essas qualidades em suas próprias vidas. Essas lições implícitas nas histórias ajudam a moldar o caráter e a ética das crianças, contribuindo para seu crescimento emocional e social. Assim, contar histórias para crianças não é apenas uma forma de entretenimento, mas uma prática educativa que desempenha um papel vital na formação de indivíduos conscientes e empáticos. As histórias proporcionam não apenas um reflexo das experiências humanas, mas também um guia para as crianças sobre como navegar suas próprias vidas, compreendendo a complexidade das relações e das escolhas que farão ao longo do caminho.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo destaca a contação de histórias como uma estratégia eficaz para estimular a leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Uma das principais potencialidades dessa abordagem é que a contação de histórias é uma prática que

permeia a infância da maioria das pessoas, sendo frequentemente vivenciada no ambiente familiar. Essa conexão afetiva com as histórias pode criar um ambiente propício para o desenvolvimento do interesse pela leitura, tornando essa prática não apenas educativa, mas também uma experiência prazerosa e significativa.

Além disso, existe uma vasta gama de textos e obras literárias que incentivam os alunos a se tornarem leitores ativos. Esses materiais, ao serem referenciados em sequências didáticas, oferecem oportunidades ricas para a exploração literária, despertando a curiosidade e o desejo de ler. A diversidade de gêneros e estilos literários disponíveis pode atender aos diferentes interesses e habilidades dos alunos, contribuindo para um desenvolvimento mais abrangente da formação do leitor.

Portanto, para que a contação de histórias e outras estratégias de incentivo à leitura sejam efetivas, é fundamental criar condições adequadas que favoreçam um ambiente literário rico e estimulante. Isso inclui a formação contínua dos educadores, o investimento em recursos bibliográficos e a criação de espaços que promovam a leitura de maneira significativa. Somente assim será possível aproveitar todo o potencial da contação de histórias e das práticas de leitura nos anos iniciais do Ensino Fundamental, contribuindo para a formação de leitores competentes e apaixonados pela literatura.

A comunicação também é aprimorada através da contação de histórias. Os alunos têm a oportunidade de desenvolver suas habilidades verbais ao expressar ideias, fazer perguntas e discutir os elementos da narrativa. Isso contribui para a construção de uma comunicação mais clara e eficaz, fundamental para seu desenvolvimento acadêmico e social. A criatividade é outra habilidade importante que é estimulada por meio da contação de histórias. Ao ouvirem narrativas, as crianças são incentivadas a imaginar cenários, personagens e enredos, o que enriquece sua capacidade criativa e de pensamento crítico. Essa liberdade imaginativa também pode se traduzir em suas próprias criações, incentivando a escrita e a expressão artística.

Assim, ao incorporar a literatura e a contação de histórias no cotidiano escolar, os educadores não apenas enriquecem a experiência de aprendizagem, mas também preparam os alunos para se tornarem leitores e pensadores críticos, capazes de expressar suas ideias e se engajar ativamente em suas comunidades. Essa abordagem integral é fundamental para a formação de cidadãos conscientes e criativos, prontos para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

## **5 CONCLUSÃO**

Conclui-se que a prática da contação de histórias, quando utilizada de maneira planejada e integrada ao contexto educacional, constitui uma estratégia poderosa para a formação de leitores nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa abordagem transcende o mero entretenimento, proporcionando aos alunos uma experiência significativa que estimula o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e linguístico.

A contação de histórias desperta o interesse pela leitura ao criar uma conexão afetiva com a narrativa, promovendo o envolvimento dos alunos com o universo literário de forma prazerosa. Essa prática permite explorar a riqueza da oralidade e da literatura, ampliando o repertório cultural e fortalecendo habilidades fundamentais, como a interpretação de textos, a criatividade e a capacidade crítica. Além disso, ao oferecer um ambiente de aprendizagem colaborativo e interativo, as histórias

incentivam a socialização e a empatia, contribuindo para a formação integral dos estudantes.

Para que essa estratégia alcance todo o seu potencial, é imprescindível que as escolas criem condições favoráveis, como espaços de leitura acolhedores, acervos literários diversificados e formação continuada para os professores. A valorização da literatura e a seleção criteriosa de textos adequados às faixas etárias e interesses dos alunos são elementos essenciais para transformar a contação de histórias em uma prática eficaz e transformadora. Portanto, este estudo reforça que a contação de histórias é uma ferramenta pedagógica, que pode ser usada como ponte para o desenvolvimento integral dos alunos, promovendo o reconhecimento da vontade pela leitura e preparando-os para serem cidadãos críticos, criativos e engajados.

## **6 REFERÊNCIAS**

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2000.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL/MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 3. ed. Brasília - DF: MEC, 2001.

BRASIL/MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília - DF: MEC, 1997.

BRASIL. MEC. **BNCC – Base Nacional Comum Curricular**. Ministério de Educação – MEC / Conselho Nacional de Secretários de Educação – CONSED / União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação – UNDIME, 2019.

BRUNER, J. **A cultura da educação**. Editora Artmed., 1996.

BUSATTO, C. **Contar e Encantar: Pequenos Segredos da Narrativa**. 3ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2003.

CÂNDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. Editora Companhia das Letras, 1993.

CARVALHO, A. **A formação do leitor: leitura e literatura na escola**. São Paulo: Cortez. 2004.

COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLOMER, T. **A literatura infantil na escola: uma proposta didática**. Editora Editora do Brasil, 1997.

FONSECA, A. VANALLI, M. **Contação de histórias: uma prática pedagógica**. In: Contar e ouvir histórias na escola. São Paulo: Editora Contexto. 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

KUHLTHAU, Carol C. **Seeking meaning: a process approach to library and information services**. Editora Libraries Unlimited, 2004.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias**. São Paulo: Ática, 2002.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Editora: Martins Fontes, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual: análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, M. H. **Literatura infantil: teoria e prática**. Editora Moderna, 2005.

QUADRO, M. ROSA, R. **Contação de histórias: fundamentos e práticas**. In: Literatura infantil: teoria e prática. São Paulo: Editora Moderna, 2009.

RODRIGUES, A. **Contação de histórias: fundamentos e práticas pedagógicas**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

ROSENBLATT, L. **Literature as exploration**. Editora The Modern Language Association of America, 1995.

SANTOS, Alexandra Lima; JESUS, Evanildes Santos de. **Influência das concepções de Friedrich Froebel nas atuais propostas pedagógicas**, 2016.

SCHOLES, R. KELLOG, R. **The practice of composition**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1977.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O Ato de Ler**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1987.

SISTO, F. **O papel da contação de histórias na formação do leitor**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

TRESCASTRO, Lorena Bischoff. Seis olhares teórico-metodológicos sobre alfabetização. **Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, São Paulo, Brasil, v. 6, n. 12, p. 85–107, 2012. DOI: 10.11606/issn.1980-7686.v6i12p85-107. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reaa/article/view/45611>.. Acesso em: 17 dez. 2024.

VILLARDI, S. **A literatura infantil e suas práticas**. São Paulo: Editora Scipione, 2005.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente: o desenvolvimento da psicologia na infância**. Editora Martins Fontes, 2002.